

UMA MULHER E UM SOBRENOME ILUSTRE: A “PRIMEIRA-DAMA” DA REFORMA, CATARINA VON BORA (LUTERO)

TUCKER, Ruth A. **A primeira-dama da reforma: a extraordinária vida de Catarina Von Bora.** Tradução: Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

Resenha:

O livro *A primeira-dama da reforma* aborda a trajetória de Catarina von Bora, esposa de Martinho Lutero, considerado um dos líderes da Reforma Protestante. De autoria de Ruth A. Tucker, a obra, de cunho biográfico, ressalta no decorrer das páginas a escassez de fontes relacionada a personalidade estudada. Tucker foi professora de história da Igreja e estudos de missões na Trinity Evangelical Divinity School e no Seminário Teológico Calvin, possui doutorado em História pela Northern Illinois University, e já escreveu 18 livros, todos eles versando sobre religiosidade cristã.

A obra é composta por doze capítulos, uma introdução e um curto epílogo. Já na introdução, como sugere seu título, “Catarina von Bora para todas as eras”, a autora apresenta Catarina como uma mulher atípica para o século XVI. “Não era uma doce mulher submissa, encolhida em um canto” (TUCKER, 2017, 07). Ao contrário, a imagem retratada é de uma mulher forte e ousada. De todas as eras, Catarina é apontada como uma mulher que ecoa entre as contemporâneas, que construíram suas próprias carreiras. “Ela era uma fazendeira e fabricante de cerveja com uma pensão do tamanho de uma pousada de férias. Tudo isso com uma família grande e a responsabilidade a criação dos filhos” (TUCKER, 2017, 10).

Ainda na parte introdutória do texto Tucker apresenta a tese central de sua obra, a ideia de que Catarina von Bora foi figura indispensável para a Reforma Protestante. Mesmo não a considerando uma protestante efêmera, a autora afirma que:

ela foi a figura mais indispensável da Reforma alemã depois de Lutero. Se tirássemos de cena Catarina e seu casamento de vinte anos, a liderança de Lutero teria sido severamente afetada. Não fosse pela estabilidade que ela trouxe à vida dele, Martinho teria saído dos trilhos, emocional e mentalmente, na metade da década de 1920 (TUCKER, 2017, 11-12).

O primeiro capítulo aborda a vida enclausurada de Catarina, ou seja o período em que ela viveu em um convento. Nascida em 1499, filha de Hans von Bora e Anna von Haugwitz, Catarina foi deixada em um convento aos cinco anos de idade. Pouco se sabe sobre sua infância. Alguns relatos apontam que a mãe de Catarina morreu logo após o parto, e seu pai alguns anos depois voltou a se casar, deixando sua filha aos cuidados das freiras. A autora ressalta que tal prática não era estranha na Alemanha do século XV e XVI. Quando famílias não tinham condições de criar suas filhas, algumas eram entregues aos conventos. Outras meninas iam por vontade própria, o que não foi o caso de Catarina.

Um dos pontos do catolicismo criticados por Martinho Lutero era o celibatário e junto com ele a clausura. Impulsionadas pelo discurso reformador, muitas mulheres se encorajaram a fugir dos conventos. Não se sabe se esse foi o caso de Catarina von Bora. Tucker ressalta que não tem como afirmar se os debates em torno da reforma chegaram ao convento em que Catarina vivia. No entanto, Martinho foi um dos colaboradores para a fuga das doze freiras na ocasião. A futura esposa de Lutero estava entre as fugitivas e “estava, em alguns aspectos, preparada para o mundo exterior, tendo aprendido como se virar com pouco e dominando um leque de habilidades muito úteis [...]”(TUCKER, 2017, 20). A fuga de Catarina e as outras onze irmãs é trabalhado no terceiro capítulo da obra.

O segundo capítulo versa sobre a revolução religiosa ocorrida na Alemanha no século XVI e a liderança de Martinho Lutero. A autora disponibiliza uma rápida

apresentação de Lutero, perpassando sua infância, estudos, família e entrada na vida religiosa, chegando a sua excomunhão em 1521.

A fuga de Catarina do convento é narrada no capítulo intitulado “Uma carruagem cheia de virgens vestais” A autora faz algumas comparações entre Catarina e outras freiras fugitivas, a exemplo de Patrícia O'Donnell-Gibson. Com poucos vestígios também para entender a ação de futura esposa de Lutero, Tucker ressalta que o único indicativo de participar do plano de fuga foi a própria fuga. Contando com a ajuda de Martinho e de um mercador, em 1523 Catarina e mais onze freiras fugiram do convento, refugiando-se em Wittenberg. Nessa cidade a ex-freira conheceu seu primeiro amor, Jerônimo, “um vigarista” que acabou abandonando Catarina. Seguindo o plano de fuga, Martinho Lutero ainda colaborou ao encontrar casamento para as freiras. Catarina, no entanto, algum tempo depois continuava solteira.

Ofertada a alguns conhecidos de Lutero, Catarina recusou todos eles, propondo ao próprio reformador casamento. Foi assim que Catarina von Bora e Martinho Lutero decidiram se casar. “Catarina ficou sem nenhuma outra perspectiva de adequada de marido, ele concordou em se casar com ela por pena” (TUCKER, 2017, 58). Complementando a autora ressalta:

No final, foi Lutero que apareceu na casa de Cranach para providenciar que ela fosse sua esposa e para fazer isso assim que fosse possível. Ela não era tão ingênua para não perceber que a decisão dele não era por amor – e talvez nem a dela fosse (TUCKER, 2017, 60).

No quarto capítulo é apresentado o contexto alemão do século XVI, caracterizado por dias amargurados. Ao se referir a Wittenberg, Tucker ressalta seu caráter universitário. No enquanto, em meados do referido século esse furor estudantil já tinha diminuído. Nesse contexto, afirma a autora: “Catarina retirou-se de ‘uma vida amarga’ por intermédio de uma forte determinação uma audácia desavergonhada” (TUCKER, 2017, 77).

O quinto capítulo faz referência ao casamento de Catarina e Lutero, ocorrido em 1525. Boatos surgiram em torno da ocasião. Catarina e Lutero foram atacados

frente à decisão tomada. Em todo o livro a autora usa cartas de Martinho com colegas como suas principais fontes. Ao analisar o casamento Tucker ressalta o desejo do reformista em agradar sua família e a ausência inicial de amor por sua futura esposa. O casamento de uma freira fugida com um monge excomungado rendeu pano para manga. Juntos tiveram seis filhos. “Um casal típico do século XVI? Dificilmente. Catarina uma típica esposa protestante? De modo algum. Ela era demasiadamente confiante e independente. Ela seguia sua vida simplesmente considerando que era igual ao seu marido, e de qualquer homem neste quesito” (TUCKER, 2017, 92).

O capítulo seguinte continua discutindo o casamento, agora focando no convívio, nas relações estabelecidas com o convívio do casal. A autora certa igualdade conjugal e bastante respeito de Martinho por Catarina. Ela é apontada como o cérebro da relação, a responsável pelo equilíbrio financeiro e emocional do casal. Sobrecarregada, Catarina se encarregada de afazeres fora e dentro do Mosteiro Negro (lugar onde moravam). Martinho se dedicava a seus estudos religiosos, além de se fazer bastante presente na criação dos filhos.

Passagem muito dolorosa na vida do casal Lutero foi a perda de alguns filhos. No capítulo sete a autora narra sobre o nascimento dos seis filhos, mais um aborto sofrido por Catarina. Hans, Elizabeth (morreu com 10 meses), Madalena (morreu com 13 anos), Martinho, Paulo e Margareth, esses foram os filhos do casal. A dor da perda de Madalena é detalhada nesse capítulo.

No oitavo capítulo da obra Tucker apresenta uma narrativa sobre corrida rotina de Catarina, destacando suas funções administrativas dentro e fora de casa. Responsável por uma pensão, a esposa de Lutero ainda acolhia órfãos no Mosteiro Negro e cuidava de todos eles. Além disso, assumia as responsabilidades frente à fazenda, a horta, o albergue médico-monástico, a criação de animais e aos negócios da família (compra e venda de imóveis). “A referência que Martinho fez a ela como ‘estrela da manhã de Wittenberg’ era apropriada” (TUCKER, 2017, 125). Jardineira, negociante, administradora, fabricante de cerveja, mãe zelosa e esposa atenta são alguns dos adjetivos atribuídos à Catarina.

O livro de Ruth A. Tucker pode ser apontado como uma produção referente à história das mulheres, pois traz a toma a trajetória de uma importante e esquecida personalidade. No entanto, no que tange as discussões de gênero o livro muito deixa a desejar, não adentrando as discussões e por vezes até corroborando com a perpetuação de alguns estereótipos, a exemplo do que ocorre logo na introdução, quando a palavra primeira-dama é atribuída à Catarina como sinônimo de “segundo sexo”. Nessa perspectiva, a mulher assume o segundo sexo, sendo sempre o outro. O capítulo nove da obra dá indicativos que trabalharia um pouco as questões de gênero, ao questionar a personalidade não obediente de Catarina. Tucker apresenta outros três outros nomes femininos que tivera importância na Reforma, Argula von Grumbach, Katherine Zell e Renée de Ferrara. Descrevendo sobre algumas semelhanças e diferenças entre as mais e Catarina, a autora mais uma vez produz algo mais próximo de uma perspectiva de história das mulheres do que das relações de gênero. A categoria gênero não é abordada de forma analítica, com sugere estudiosas como Joan Scott¹, mas de forma puramente descritiva.

O décimo e o décimo primeiro capítulo abordam a questão da espiritualidade de Catarina von Bora. Casada com um dos principais líderes da Reforma Protestante espera-se que Catarina tenha sido uma forte seguidora espiritual de seu cônjuge, entretanto, não é isso que Ruth A. Tucker vem nos apresentar. Para os protestantes a preocupação era considerada um pecado, e os portadores desde deveriam se apegar mais a Deus para que este acalmasse seus corações. Catarina é apontada como uma mulher muito preocupada, e por vezes repreendida com Lutero por essa característica. Tal preocupação advinha de sua corrida rotina de negociações intra e extra lar.

O último capítulo da obra aborda o período dos sete anos de viuvez de Catarina. Apesar de carregar consigo muitas doenças desde jovem, a morte de Martinho Lutero ocorre de forma inesperada em 18 de fevereiro de 1546. Como destaca a autora, o choque de perder o marido foi terrível e os danos que sua vida

¹ SCOTT, Joan, “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

sofreu depois disso são incontestáveis. Apesar de estar amparada financeiramente na ocasião da morte de Lutero, após o ocorrido Catarina teve que enfrentar diversos problemas, que considero explícitos os indicativos de sua condição de mulher. Perder a tutoria dos filhos e de parte dos bens materiais, fugir em diversas ocasiões devido à contra ofensivas da contra reforma, chegar a falência e falecer em 20 de dezembro de 1522, foram esses os passos de Catarina após a morte de Lutero. Mais uma vez a autora perde a oportunidade de discutir questões relacionados as diferenças de gênero, chegando a afirmar no epílogo do livro, que o obscurecimento historiográfico de Catarina não estaria ligado a uma questão de gênero, mas apenas por ela ter sido uma esposa com ausência de devoção espiritual.

De fato Catarina não aparenta ter possuído as características modelo para a esposa de um reformador, mas negar o peso das relações de gênero frente a sua ausência na historiografia pode ser apontado como um dos grandes problemas da obra resenhada.

Em seu conjunto a obra carrega grande importância para o fazer historiográfico, ao trazer a tona a trajetória de uma importante e singular personalidade feminina pouco enfatizada. No entanto, não está isenta de críticas. Nesse sentido vale destacar o forte viés “religioso” presente em toda a obra, fato que pode ter comprometido, em partes, a pesquisa. Deve-se apontar também a ausência de fontes primárias no que diz respeito à Catarina von Bora. Toda a biografia é construída tendo como bases cartas de Lutero e escritos sobre o líder religioso. Como Tucker afirma, Catarina não merecia permanecer no buraco negro e desconhecido na história, mas ao se tratar de uma biografia, a autora poderia e deveria ter trabalhado mais a fundo as questões da especificidade das fontes utilizadas, destacando a importância dos acervos pessoais.